

Síntese da Conjuntura

A expansão demográfica

Ernane Galvão
Ex-Ministro da Fazenda

Em reportagem publicada em 21 de agosto, O GLOBO destacou o fato de que, nos últimos seis anos, “não mudou a calamidade do saneamento”, acrescentando que, no Brasil, 2.495 Municípios, com 56% dos domicílios, não têm redes de esgoto e há 5.636 crianças entre os 70 mil catadores de lixo.

A notícia, um quadro comum nos países subdesenvolvidos, revelou um fato contundente: o retrato de uma família típica da periferia urbana, com a mulher, acompanhada de seus onze filhos. ONZE filhos! Esse simples detalhe revela toda a natureza e profundidade da pobreza nacional, onde ela é mais ostensiva, o mesmo quadro da pobreza mundial, ou seja, a explosão demográfica, o excesso de filhos, a falta de um planejamento familiar ou da paternidade responsável.

Em outra reportagem, no jornal Valor, de 20 de agosto, outra mulher,

com 67 anos, queixa-se do transporte das comunidades ribeirinhas para as escolas da região amazônica. O problema dela é educar seus 14 filhos. QUATORZE filhos!

A população mundial de hoje – 6,5 bilhões de habitantes – caminha para chegar a 9,2 bilhões, em 2050. Aí, dizem os ambientalistas, vai se constatar o perigoso esgotamento dos recursos naturais da Terra: ar limpo, água potável, terras agricultáveis, rios, florestas, alimentos.

Os países ricos (G-8) e as grandes organizações mundiais, a começar pela ONU, debatem esses problemas constantemente, condenando a pobreza e a miséria e discutindo a mobilização de recursos para matar a fome dos miseráveis. Mas ninguém pensa em levar realmente a sério o controle da natalidade e da explosão demográfica, responsáveis pelo atraso da África, pela expansão do mundo árabe, pelas desigualdades sociais na Índia, pelo racismo na França e em muitos outros países. A culpa? A culpa não é só dos governantes. Provem, principalmente da inflexibilidade religiosa e do fanatismo com que algumas religiões impõem os seus dogmas e mandamentos.

Não se trata, apenas, de ser contra ou não o aborto, mas de aperfeiçoar o sistema educacional. É importante introduzir, nos currículos do ensino médio, para os jovens do sexo masculino e feminino, temas de educação sexual, de modo a orientá-los quanto a problemas que podem prejudicar ou beneficiar suas vidas, antes ou depois do casamento.

Desfrutar uma boa qualidade de vida e alcançar a felicidade no lar é um objetivo sadio nos dias de hoje, como sempre foi no passado. Todavia, as condições de vida mudaram. Habitação, transporte, saúde

e, principalmente, educação, tornaram-se mais difíceis nos grandes centros urbanos, nos quais vive, hoje, a maior parte da população, inviabilizando a existência de famílias numerosas, com uma desejável qualidade de vida.

A necessidade imperiosa de preparar e qualificar jovens para o mercado de trabalho é uma decorrência não só do processo de industrialização, como, mais recentemente, da globalização. A concorrência e a competição se processam, hoje, também em relação aos trabalhadores e profissionais de outros países, cujos produtos disputam acirradamente os mercados internacionais. Por essas razões, é necessário dar aos nossos filhos a melhor educação básica e uma sólida qualificação profissional.

Famílias com onze ou quatorze filhos dificilmente conseguirão alcançar um padrão de vida capaz de permitir um nível adequado de educação. A educação é fundamental, para que as nossas crianças possam se preparar adequadamente para ingressar no mercado de trabalho.

Economia política

Inegavelmente, 2010 apresentou todos os sinais de que será um ano excepcional para a economia brasileira, com um crescimento possível do PIB da ordem de 7%. A agricultura vai bem, com uma safra recorde de 148 milhões de tons. de grãos; a indústria recuperou-se da crise de 2008/09 e deverá crescer 11,4%; o comércio de bens e serviços, que não teve crise, está crescendo cerca de 10,1% acima do ano passado; o turismo cresce fortemente; as exportações, após

caírem -22,7% em 2009, deverão crescer 30% em 2010; as importações crescem 46%, mais do que na China. O desemprego caiu e o emprego aumentou, assim como a massa salarial. Evidentemente, essa prosperidade econômica resulta das condições externas, comandadas pela China, que impulsionaram a expansão das nossas exportações desde 2002 e enriqueceu a economia nacional pela elevação dos preços das nossas commodities de exportação. Uma força expansionista de origem externa. O mesmo está acontecendo com a Argentina, cujo PIB cresceu 11,8%, no 2º trimestre/2010. O problema mais sério é a falta de ética na política, que está degradando a administração pública e a democracia. Os escândalos políticos podem acabar comprometendo a segurança jurídica e, daí, a estabilidade econômica e social. Esse desgaste, como dizia Roberto Campos, não é importado, é “made in Brazil”.

Atividades econômicas

Indústria

A produção industrial caiu em nove das 14 regiões pesquisadas pelo IBGE em agosto, em relação a julho. As principais quedas foram apuradas nas regiões de Goiás (-4,8%) e Rio Grande do Sul (-4,3%), enquanto o maior crescimento ficou com o Pará (2,4%).

No acumulado do ano., houve destaque para Espírito Santo (31,7%), Amazonas (23,8%) e Minas Gerais (19,2%). A indústria paulista acumula crescimento de 13,5% e em 12 meses de 9%.

Após quatro meses de crescimento, o Índice Nacional de Expecta-

tiva do Consumidor (Inec) caiu 0,8% em setembro, na comparação com o mês anterior, de acordo com a CNI. O Nível de Utilização da Capacidade Instalada (Nuci) recuou pelo quarto mês consecutivo, ficando em 82,3% ante 82,5% no mês anterior. O emprego industrial cresceu 0,8% em agosto/julho e 7,4% em relação a agosto/09.

O dado mais significativo em setembro foi a queda de -9,1% na produção da indústria automobilística, com redução de -1,8% no licenciamento, acumulando no ano +17,3% e 18,7%, respectivamente, enquanto a produção de máquinas agrícolas acumula +41,8% e as exportações +57,5%, em valor. Em outro setor emblemático, do papelão ondulado, a produção aumentou 4,8%, em relação a setembro/09 e 0,89% sobre agosto. No acumulado do ano, o aumento foi de 15,6%.

A produtividade industrial, de janeiro a agosto, aumentou 9,5% e o salário real +2,9%.

Atenção: devido à seca, provocada pelo El Niña, o nível dos reservatórios das regiões Sudeste e Centro-Oeste chegou a 47,2% (ONS). No Nordeste, a situação é mais crítica, com 43,6%, e no Sul, mais tranquila, com 60,5%.

Em 2001, o ano do apagão, os reservatórios do Sudeste chegaram a 20,6%.

Comércio

Em agosto, as vendas do comércio varejista tiveram alta de 1,6% e de 2,0% no volume de vendas, sobre o mês anterior, segundo o IBGE. No acumulado do ano, a alta no volume foi de 11,3% e, nos

últimos 12 meses, de 10,1%. Sobre agosto do ano passado, a alta é de 10,4%. Essa é a quarta alta mensal seguida. Em julho, a atividade do varejo havia crescido apenas 0,4%. No Rio, de janeiro a agosto, a alta foi de 8,6%.

Segundo a Serasa, a expansão do comércio de janeiro a setembro foi de 10%. Os segmentos de material de construção e de móveis, eletroeletrônicos e informática lideram a expansão, com alta de 16,8% e 15,9%, respectivamente. Veículos, motos e peças tiveram acréscimo de 14,6%. Considerando apenas setembro, a atividade do comércio ficou estável em relação ao mês anterior.

A atividade varejista voltou a se acelerar no terceiro trimestre, depois de um segundo trimestre mais fraco. O desempenho foi puxado pela alta de 1% no movimento dos supermercados, hipermercados, alimentos e bebidas e pelo avanço de 0,6% no segmento de móveis, eletroeletrônicos e informática, impulsionados pelas condições de crédito favoráveis.

Ainda segundo a Serasa, a inadimplência do consumidor teve crescimento de 1,6% em setembro/agosto. Para a Equifax, o volume de cheques sem fundos teve queda de 5,1%, em setembro/agosto.

Agricultura

A Conab confirmou que a safra 2010/11 poderá chegar a 147,9 milhões de toneladas de grãos, mas o IBGE revela estatísticas com 148,9 milhões, com destaque para a soja (68,7 milhões de tons.). A safra de milho poderá cair até 8%.

O clima seco provocado pelo “La Niña” poderá afetar os resultados da safra. Nas caatingas do Nordeste, a seca de hoje é igual à de 1998/99, o que ocorre há mais de 100 anos, em meio aos desvios de verbas no DNOCS. As cotações dos produtos agrícolas poderão ter alta, caso se confirme a queda na safra 2010/2011, nos Estados Unidos.

A produção de carne de frango registrou aumento de 7,5%, nos últimos 12 meses. A renda dos produtores de café teve alta de 24%, em relação à safra 2009.

Mercado de Trabalho

Em agosto, foram criados 299.415 empregos com carteira assinada, acumulando no ano 1.954.531, segundo a Caged. Destacam-se o comércio, com 65.083 empregos, os serviços com 128.232 e a indústria de transformação com 70.393. Na agropecuária, houve redução de 11.259. No Rio, foram criados 24.921 empregos.

Na indústria brasileira, em agosto, o emprego aumentou 0,1%, em relação a julho, segundo o IBGE.

É importante registrar que, em agosto, segundo a Caged, a participação dos trabalhadores com carteira assinada chegou a 52,4%.

Setor financeiro

Na área financeira, o destaque neste ano é o elevado montante de desembolsos alcançados pelo BNDES, da ordem de R\$ 134,9 bilhões em 2009.

A expansão geral do crédito continua: em agosto, atingiu 46,2% do PIB, contra 27,3% em 2000, com destaque para os bancos oficiais (BNDES, Banco do Brasil, CEF, Bancos da Amazônia e do Nordeste), que registram expansão anual de 25%, neste ano.

No mercado de capitais, o número de IPOs no Brasil ficou limitado a um único caso, entre julho e setembro, devido à ofuscante capitalização da Petrobras.

É importante salientar que as emissões asiáticas representaram, no 3º trimestre, 83% do volume total em dólares, sendo 76% da China.

Inflação

Em setembro, a inflação deu um salto, em relação ao período junho/agosto, voltando praticamente ao nível médio do 1º trimestre, devido à alta nas cotações das commodities no exterior.

O IPCA/IBGE saiu de praticamente zero, nos três meses anteriores, junho/agosto, passando de 0,04% em agosto para 0,45% em setembro (4,7% no ano). O IPCA acumulado de 3,60% de janeiro a setembro está sob pressão de alta, originária dos colégios, (+6,64% no ano), emprego doméstico (8,24%), ônibus urbano (7,16%), refeição fora de casa (6,11%), carnes (10,71%), plano de saúde (5,01%) e aluguel residencial (4,67%).

Também o IGP-DI e o IGP-M/FGV subiram para 1,10% e 1,15%, respectivamente, muito embora a taxa de câmbio tenha apresentado forte valorização de 3,52%, em setembro. Na 1ª prévia de outubro,

o IGP-M caiu para 0,99% (8,7% no ano). O IPC da FIPE subiu de 0,17% em agosto para 0,53% em setembro.

Nos últimos 12 meses, o valor da cesta básica teve um comportamento favorável, com deflação no Rio (-2,9%), Brasília (-1,0%), Porto Alegre (-0,8%), Vitória (-0,3%) e Florianópolis (-0,2%).

Setor Público

Difícil fazer análise das contas públicas, face aos artifícios que vêm sendo usados pela engenharia fiscal, comprometendo a credibilidade contábil.

A pesada taxa Selic fixada pelo Banco Central continua sobrecarregando o déficit fiscal, atraindo capitais ociosos e especulativos que obrigam o BC a comprar dólares e acumular reservas cambiais caras e desnecessárias, mediante a contrapartida da venda de títulos do Governo e expansão da dívida pública.

Faltam recursos para projetos de infraestrutura, o que compromete a sustentação do crescimento econômico.

Setor externo

O “tsunami” da crise mundial de 2008 abalou o comércio exterior do Brasil em 2009, com queda de 22,7% nas exportações e de 26,2% nas importações. Em 2010, ocorreu uma espetacular recuperação: até setembro, as exportações cresceram 29,6% e as importações 45,8%, com destaque para o setor agropecuário, cujas exportações, em se-

tembro, atingiram US\$ 7,36 bilhões, acumulando US\$ 72,36 bilhões em 12 meses. Em contrapartida, a balança comercial dos produtos manufaturados será de US\$ 60 bilhões neste ano, dos quais 40% no comércio com a China. Neste ano, o Brasil está importando 700 mil carros e exportando 500 mil, com resultado negativo de US\$ 5,7 bilhões.

Depois de vários anos de superávit, o intercâmbio com os Estados Unidos foi deficitário em 2009 (déficit de US\$ 3,4 bilhões) e 2010 (déficit de US\$ 7,2 bilhões). O Brasil está caminhando para ter déficit na balança comercial em 2011.

A taxa de câmbio abaixo de R\$ 1,70/US\$ está gerando um clima de incertezas e comprometendo o equilíbrio do balanço de pagamentos. Para salvar os bancos em dificuldades, os Estados Unidos e a Europa inundaram de liquidez o mercado financeiro internacional, acrescido das enormes reservas ociosas, em dólares, acumulados pela China, Japão, Rússia, Coreia do Sul, Brasil e vários outros países. Essa “derrama” de dólares, a custo pouco acima de zero, está desaguando em operações especulativas no Brasil, atraídos por uma taxa de juros incrivelmente elevada. A elevação do IOF ainda não havia produzido resultados, até meados de outubro, obrigando o Ministério da Fazenda a elevar a alíquota de 4% para 6%. Em setembro, registrou-se entrada de US\$ 16,7 bilhões nas contas financeiras. O Brasil se transformou em um “cassino cambial”.

Na área internacional, continuam as incertezas. Os Estados Unidos estão reduzindo, lentamente, o déficit fiscal e o déficit comercial, mas o desemprego continua alto e a economia desmotivada. O presidente

do FED está anunciando uma compra maciça de títulos do Tesouro, que se encontram nas carteiras dos bancos, o que, certamente, vai aumentar ainda mais a excessiva liquidez, provocando maior desvalorização do dólar, embora sem afetar a inflação interna. O poder aquisitivo do dólar no mercado interno americano permanece praticamente estável e a desvalorização só ocorre no mercado de moedas, menos na China, onde o Yuan acompanha o dólar, sistematicamente.